

LEOCHAVES

A GRANDE ARTE DE SE

REINVENTAR

AS 7 HABILIDADES QUE PODEM MUDAR A SUA VIDA



Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

SUMÁRIO

PREFÁCIO, por Leandro Karnal.....	8
Nuvens e solo, e alguma chuva.....	9
A arte de viver.....	10
As chaves do Leo.....	12
INTRODUÇÃO.....	16
A importância da autorreinvenção.....	30
Os sete pilares da Habilidade Revolucionária.....	35
PRIMEIRO PILAR – PERCEPÇÃO.....	38
Maturidade nas relações.....	52
Dependências emocionais.....	57
SEGUNDO PILAR – ACEITAÇÃO.....	66
A habilidade da neutralidade.....	72
Aceitação interpessoal.....	78
A ação define o perfil.....	80

TERCEIRO PILAR – DIREÇÃO	86
Abdicação.....	92
Filtro de estímulos e emoções	98
Projeção mental	101
O poder do livre-arbítrio	103
QUARTO PILAR – PERSEVERANÇA	110
Amor pelo que se faz	112
Não olhe só para o alto da montanha.....	113
Comportamento proativo	117
Treinamento e disciplina	118
Função e missão.....	123
Atitude incondicional.....	124
QUINTO PILAR – CONEXÃO	130
Conexão e educação	134
Conexão produtiva.....	137
Habilidade de raciocínio	140
Senso de finitude	143
A prática da gratidão	145
SEXTO PILAR – GESTÃO.....	152
Autogestão	155
Senso liberal e senso pragmático	156
Autogestão organizacional	159
Autodiligência.....	163
Autogestão motivacional.....	165
O maior valor: o dia de hoje	172
Gestão interpessoal	174

SÉTIMO PILAR – MARCA.	180
Consciência sistêmica	182
A arte da influência.	185
Modéstia real	190
Alinhamento de intenções.	195
Comunicação e autonomia	197
Reinvenção constante	202
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	205





PREFÁCIO

Planeta

Da vida como arte Leandro Karnal

Nuvens e solo, e alguma chuva

Toda arte cruza técnica e talento. O último é muito intuitivo e complexo para delimitar com precisão. Ou se tem ou não se tem. Talento talvez seja inato ou não, todavia é, decididamente, o elemento mais etéreo e o mais evidente. Talvez talento e carisma sejam como oxigênio: invisíveis, porém, sua ausência é notada rapidamente. Arte implica talento, para cantores, para pintores, para poetas e para quem dança. Porém, qual o espaço da técnica?

Eu afirmei que arte cruza talento e técnica. Esta última é mais fácil de ser conceituada. Ela molda a garganta em horas de exercícios vocais para que o som saia perfeito. Ela adestra a mão do pianista em escalas e fortalece os músculos da bailarina em infundáveis posições e alongamentos. Técnica também implica vocabulário e procedimentos. O cineasta aprende como ordenar “demi-plongée” ao câmara; a *chef* de cozinha lê e cumpre a redução em “acetto” balsâmico e a contrabaixista executa “col legno” virando o arco, como ordena a partitura. Técnica é colocar o corpo e o cérebro alinhados para o fluxo da beleza e da sensibilidade.

Seriam dois campos separados e incomunicáveis? É uma concepção ultrapassada. Nenhum talento

sobrevive sem técnica. Sendo vocação natural ou não, o impulso artístico precisa dos dedos, da garganta, do paladar ou de qualquer suporte físico treinado para se expressar. O mais retumbante talento morre no corpo despreparado e, do mesmo modo, uma inclinação fraca pode impressionar bastante se todo o aparato prático for muito bem preparado.

Sempre somos imaginativos e as figuras ajudam. De muitas formas, o talento é nuvem elevada e leve e o público é a terra ávida por atingir novas compreensões e sequiosa de vida plena. Se o talento é a nuvem, a técnica é a chuva, que produz a comunicação entre o solo e a genialidade. Sem a chuva, o dom da nuvem úmida nunca chega ao solo. Sem técnica, inexistente talento.

Resta a dúvida plausível: podemos melhorar nosso desempenho no diálogo entre técnica e talento? Além do dom, valeria o esforço? Acima de tudo: um esforço no campo da técnica poderia intensificar nossa felicidade? Vamos pensar mais.

A arte de viver

O talento é pouco controlável, vimos antes. Há pessoas com nítido talento existencial. Nascem com ênfase na alegria, são agradáveis sem afetação, entendem os limites seus e dos outros, trabalham com otimismo e determinação, sabem mudar quando necessário e dominam seu narciso. Vocês, querida leitora e estimado leitor,

conhecem, por certo, alguém assim. Uma avó sábia, um pai amoroso, a mãe extraordinária, um amigo especial: se fosse um concurso, teriam o “Oscar” pelo conjunto da obra vital. Não é que sejam perfeitos. São seres humanos que parecem aproveitar a vida com o que ela tem de melhor, minimizam os entraves e melhoram o mundo com sua presença vital. Existe uma explicação clara para estes “gênios” da arte de viver? Pouco provável. Seria uma origem privilegiada? Conheci pobres que mantinham a alegria diante do drama cotidiano da sobrevivência e, da mesma maneira, convivi com milionários depressivos e amargos. Seria fruto de uma biografia sem dores? Entrevistei uma sobrevivente de campo de concentração que sorria com intensidade e amava a vida que tinha escapado por pouco do horror e da barbárie. Adolf Hitler, aliás, paradigma da vida dedicada à violência destrutiva, teve mãe dedicada e afetiva. Existem fatores, claro; podemos identificar variáveis; suponho que nunca teremos condições de criar uma fórmula absoluta sobre o bem viver. De onde vem ou o que suscita o equilíbrio pessoal?

Suspeito que pessoas muito sensuais nunca tenham lido um livro com “dez dicas de sensualidade”. Igualmente, tenho para mim que aquela sua avó maravilhosa desconhece a *Carta sobre a felicidade*, de Epicuro, ou que jamais tenha atravessado madrugadas analisando as reflexões de Epicteto sobre a sabedoria. Há uma chance de ela ter aprendido com a vida, a partir de uma disposição naturalmente afável.

A arte de viver não possui fórmula infalível. Felicidade não parece depender de um livro. Gente legal é legal e pronto; gente chata e azeda também não necessitou de bibliografia. Qual o sentido de debater uma vida melhor ou um grau mais intenso de felicidade? Continuemos na busca da clareza.

Estamos entre dois signos poderosos: Deus e a pedra. Um tudo pode; o outro vive na impotência total. O ser humano, acima da pedra e abaixo da nossa concepção de Deus, vive o dilema entre sua vontade e as vicissitudes enormes do mundo. Hamlet pensa nisso no seu famoso monólogo. Como aguentar todo o mar que lança suas vagas contra nossos desejos? Existe chance de melhoria e de ressignificação pessoal? O acaso nos guia como faz com as pedras, rolando, quebrando e empilhando-as sem ordem prévia?

Existem muitas maneiras de responder às questões anteriores. Grande parte da Filosofia ocidental debateu o grau da nossa liberdade e o alcance da nossa existência. Alguns mistérios permanecem trancados em salas secretas. Daqui a pouco você abrirá portas novas, graças às chaves do Leo.

As chaves do Leo

Leo Chaves é um daqueles amigos carismáticos que honra qualquer portfólio social. Sua presença solar afeta o campo gravitacional do ambiente, como já testei

algumas vezes. Ele é naturalmente intenso. Talvez nunca tenha treinado. Não o imagino no espelho medindo o sorriso mais eficaz. Nunca supus que Leo decorasse frases para provocar impacto. Leo funciona como uma força da natureza e assim sempre viveu.

Aqui vem parte da magia do texto que você está começando. Grande parte do talento pessoal e artístico do autor é muito pessoal. Seu carisma não implicou adereços cênicos. A nuvem “leo-nina” enfrentou muitas alegrias e alguns reveses importantes. A relação com o mundo real possui nuances complexas. Carreira de sucesso, filhos lindos: olhando a distância, o cenário é perfeito. O êxito permitiria que ele estivesse internado na sua fazenda em Minas, exercendo o ofício aristocrático do ócio. Ele não o faz. Saiu de novo para o mundo, reorientou a carreira, transformou sua vida e mudou sua biografia. Surge o Leo Chaves palestrante e autor, estudioso de textos complexos de Heidegger, saindo de sua zona de conforto, alcançando novos patamares.

O mérito maior do livro é ter observado o que havia no pensamento de grandes autores e, a partir disso, cruzar com a percepção privilegiada do homem que atravessava este país cantando. Poucos se dão conta de que um espetáculo é um processo de mútua observação: o público e o ídolo se miram detidamente, mesmo rindo e cantando junto, um perscruta o outro. Aprende-se diante e atrás das cortinas. O texto, talvez, tenha nascido de uma longa experiência de estrada artística.

Não se trata apenas de um fluxo de consciência de uma pessoa, porém do diálogo da consciência do autor com muitas e poderosas cabeças. Sartre e Montaigne, Freud e Nietzsche chegam juntos ao palco da análise. O baile começa animado e democrático.

Falamos de nuvens e da terra, de chuvas que comunicam ambas. O tema do livro combina os pilares para sustentar a evaporação (esforço) que estimula a chuva. Também há o modelo de grandes talentos que podem aprimorar nossa técnica. Por fim, tecendo tudo com trama interessante bem urdida, surge Leo e sua grande arte de se reinventar. Os conflitos aprimoram nossa percepção do mundo, ferem nossa cegueira narcísica e retiram certezas e acomodações. Do atrito, pensa Heráclito citado por Leo, surgem pessoas livres ou escravas. O mundo contemporâneo gera muito medo e muita dor, produzindo escravos virtuais e escravos da inércia, repetidores do ressentimento permanente de felicidade de aparência. O texto convida a repensar tudo e ressurgir, reinventar-se, aprimorar a técnica e fluir no talento. Nuvens descem, chuva cai e umidade sobe em novas perspectivas, no inquietante calidoscópico gerado pelo livro. É uma arte e possui beleza interna. Entregue-se à possibilidade do desafio: mudar ou desaparecer. Chova e evapore, umidifique a secura do cotidiano, enfrente seus medos e analise os pilares sobre os quais Leo depositou sua experiência.

Vamos lá! O show vai começar.



Planeta



INTRODUÇÃO

Planeta

Estamos hoje na era das crises, dos mais variados tipos e origem. É um tempo de isolamento social, de fragilidade emocional e conflitos, apoiados na flutuação comportamental, onde reina a indecisão. O modo de agir automático da personalidade humana parece ser uma solução instalada. Mas, afinal, o que a humanidade poderá descobrir diante disso? Onde podemos encontrar os porquês e as possíveis consequências desse panorama? Ou será mesmo um aspecto catastrófico sem saída?

O filósofo Friedrich Nietzsche sabiamente afirmou que “a força curadora está no próprio ferimento”. De fato, grandes mudanças podem acontecer como resultado de uma boa gestão e reação madura diante das crises, e muitas vezes o próprio amadurecimento é uma consequência visível disso tudo. No entanto, nem sempre as coisas caminham assim. Frequentemente, o ser humano escolhe se retrair diante das crises e se revolta, seguindo numa direção que impede ou retarda o seu crescimento. É muito importante compreender que crises estão inseridas no pacote da existência – e o que vai ser determinante e crucial nesse contexto é a forma como lidamos com elas ou como as encaramos, e não a natureza ou intensidade delas. O ideograma chinês que representa a palavra “crise” é formado pela junção dos vocábulos “perigo” e “oportunidade”. Nada mais esclarecedor: a direção para a qual nos encaminhamos em uma crise depende de como a enfrentamos e de

qual oportunidade percebemos para revertê-la em nosso favor. No mundo ocidental tende-se a relacionar a crise com perspectivas negativas, contudo, a visão chinesa é a de que os momentos críticos são ápices para grandes decisões. Crises, portanto, são ensejos para transformações.

É você quem determina como se apossar e aproveitar o porquê e o para quê dos acontecimentos. Estes podem gerar novos meios por onde você vai transitar, criando uma oportunidade para a compreensão da vida de modo diferente. O “para quê” de uma depressão pode ser o impulso para a transformação, o revigoramento; ou até mesmo a ajuda, o modelo de saída da situação, ao se compartilhar com outras pessoas a forma como foi superado esse transtorno. Ao seu redor, quantos podem estar passando pelo mesmo obstáculo? Você pode ser apenas mais um de tantos nessa situação, ou pode descobrir como se levantar e caminhar, dividindo essa experiência e influenciando positivamente outras vidas. Se nos aproveitamos de um episódio para resgatar ou reunir habilidades e recursos saudáveis, estaremos indo em direção ao fortalecimento. Por outro lado, ancorando o pensamento na negatividade e no problema, e mergulhando na angústia, a escuridão será inevitável. Saiba que absolutamente nada, nem ninguém, é capaz de colocá-lo no breu, a não ser você mesmo.

Se você deseja que o mundo lhe traga mais oportunidades, mude sua forma de enxergá-lo. Por exemplo,

imagine a seguinte situação: dois trabalhadores foram demitidos de uma mesma empresa, no mesmo dia. Um deles, cabisbaixo, logo pensa: “Tenho muitas contas para pagar, o que farei agora? Estou sem chão e a culpa é daquele maldito chefe”. O outro, no entanto, diz a si mesmo: “Já que não preciso mais ficar oito horas naquele emprego, estou aberto a novas possibilidades, podendo procurar e receber coisas diferentes em minha vida. E vou utilizar essas horas de folga para me reestruturar”. O ângulo pelo qual você enxerga os eventos da sua vida é responsável pelos caminhos que você vai tomar.

Há um raciocínio lógico nesse contexto: quando nos vemos em situações de emergência, ou caímos bruscamente, temos irrevogavelmente que buscar recursos, isto é, o fundo do poço propõe a busca por soluções, mesmo que pareça o fim de tudo. Quando você não tiver mais o que fazer, restará apenas encontrar uma saída, pois na necessidade será exigido o seu máximo. O ser humano descobre o seu poder na adversidade. Nietzsche também afirmou que é a partir do enfrentamento do sofrimento que o homem pode se recriar, se reinventar. Isso significa estar em incessante processo de mutação, e ter a plena consciência de que não somos nada, apenas estamos. Uma prova disso é nossa constante oscilação emocional. Em um dia estamos muito bem-humorados, no outro, extremamente entediados. Em uma ocasião estamos animados e intensos, já em

outros momentos nos encontramos indolentes e sem perspectivas. Algumas vezes queremos algo, em seguida já não queremos mais. A natureza humana é inconstante e cíclica. Pense em uma pessoa com quem você convive há anos. Quantas opiniões divergentes você já teve sobre ela? Em momentos de conflito, sua opinião estava ligada a esse episódio. Pouco tempo depois, sua visão mudou totalmente, em especial com pessoas de maior convívio.

Sob o ponto de vista da nossa existência, a partir da linha definidora entre concreto e abstrato, encontram-se nossos sentimentos, nosso lado emocional. Como esse cenário é vulnerável e instável, há sempre curvas em nossas escolhas. E, assim, as decisões para as mesmas questões não serão nada lineares durante nossa jornada.

Até mesmo quando não se escolhe algo, a escolha foi não escolher. E a vida, então, seguirá no movimento de se equilibrar entre escolhas e consequências. O filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard (1813-1855) acreditava que todas as escolhas possuem riscos, e ao arriscar-se você poderá perder algo, mas ao não se arriscar, poderá perder sua vida por completo. Quem está aberto a arriscar eleva o índice de Habilidade Revolucionária com maior facilidade. Diante desse raciocínio, quem não busca a constante mutação, se recriando e se repaginando, está na contramão daquilo que determina a própria existência. Pense um pouco em quantas

pessoas ao seu redor estão estagnadas em determinados aspectos da vida e não sabem como ativar o motor da autorrevolução. Nada no universo é definitivo, não há convicções nem certezas, pois o tempo se encarrega de desfazê-las. Se você ainda é o mesmo de dez anos atrás, ainda possui as mesmas certezas, tem exatamente os mesmos hábitos e investe seu tempo nas mesmas coisas, repense se realmente você e sua vida estão em evolução. Mais do que isso, questione se a estagnação o conecta com a felicidade.

Podemos ir adiante, pensando na felicidade. Essa afirmativa pode parecer estranha, mas penso nela como sendo apenas uma frequência ou uma escolha. Ela está no universo, disponível a qualquer momento e em qualquer lugar. Não é minha nem sua nem de ninguém. Porém, é genericamente acessível, em alguns momentos mais próxima, em outros menos. A felicidade não escolhe ninguém, como acreditam os que cultuam as fases emocionais. Para mim, é como se a pegássemos emprestada quando bem entendêssemos, sem, no entanto, ter a obrigação de devolvê-la. E não estamos sendo egoístas. Acredite, há felicidade de sobra e eu afirmo a você, leitor, que é sempre possível acessar essa frequência, se você assim o determinar. Vivi isso em momentos de extrema angústia, originários de questões profissionais, financeiras ou mesmo de problemas familiares – quando, apesar desse estado, eu tinha de me apresentar para motivar o público com

palestras ou shows. Eu pensava: *meu papel aqui não pode ser o de conectar as pessoas com frequências negativas. Portanto, agora, eu preciso me revolucionar internamente e imediatamente, pois uma conexão saudável com o público não será possível nesse estado emocional.* Mais à frente vou contar como consegui realizar isso. Dessa mesma forma, a angústia ou a alegria, a euforia ou o desânimo, a empatia ou a antipatia, são simplesmente frequências que existem no todo. É bom não pensarmos que são nossas, pois nós apenas as utilizamos ou não. Em um dia estamos propícios a determinada frequência, em outro dia, não; mas nossa adesão a ela independe do que há à nossa volta – não seremos reféns do exterior se nós assim o determinarmos. Eu posso utilizar a frequência que quiser, como eu quiser e onde eu estiver. Isso é liberdade emocional, é livre-arbítrio, é escolha.

Assisti a um pai brincar sorridente com sua filha, esbanjando alegria, no setor de atendimentos paliativos de um hospital. Ciente de que a menina teria apenas mais três meses de vida, pois o câncer se apoderava daquela criança implacavelmente, ele se jogava com ela em cambalhotas pelo chão, derramando alegria no canto da sala, como se aquele instante fosse o único e o último da existência dela. Naquele momento chocante, mudei minha visão sobre este mundo. O que eu sinto depende exclusivamente de mim. Descobri ali que tenho o poder de administrar sentimentos. A felicidade,

por sua vez, não acontece por si só, mas eu posso fazê-la acontecer. Então eu escolho, me apodero, pego emprestada a resiliência diante dos tombos. É pura frequência. Ela está por aí no Universo, à espera de quem quer que seja, sempre. Aquele que não se propõe a utilizá-la poderá se revoltar ou cair na vitimização.

Grandes heróis não são os que escalam os mais altos picos, e sim aqueles que escalam e se levantam dos mais fundos buracos. A direção correta encontrada no labirinto guardará mais glória do que aquela indicada nos mapas. Não pense que quando você vê pessoas sempre com o astral para cima quer dizer que elas não tenham problemas – pode ser até o contrário, mas elas certamente acessam apenas a frequência positiva e se retroalimentam dela.

Queremos ter liberdade sobre tudo, mas raramente procuramos nos liberar das algemas mentais. E é essa liberação que, quando conquistada, nos permite vencer os medos e os limites, possibilitando nossa reconstrução e nos preparando para o novo. A habilidade de conquistar liberdade emocional nos concede revolucionar e promover mudanças efetivas, nutrir nossa consciência, adquirir mais autoestima e mais confiança.

A partir de uma ampla mudança em minha vida, percebi que uma grande reinvenção é capaz de desencadear várias outras, como num processo de ramificação, quando nasce um ramo que promove o aparecimento de vários outros. Com isso, fiquei mais atento às

ferramentas que poderiam ser utilizadas para conduzir da melhor forma todas as transformações. Por meio dessa observação, descobri a Habilidade Revolucionária (H.R.), que pode ser traduzida como a habilidade de atingir metas, visando a efetividade na conclusão de mudanças. Todos nós estamos predispostos a começar algo com a intenção de ir até o final. Mas, frequentemente, não conseguimos. Quando adquirimos esse DNA, ele se torna uma constante e atua em todos os aspectos da vida. Somos sonhadores, que constantemente esquecem de semear o terreno com os próprios sonhos e vivem apenas na sombra de árvores alheias.

Muitas vezes meu cérebro era derrotado, porque por mais que eu tivesse comportamentos de largada, não conseguia atingir a chegada, ficava pelo caminho. A Habilidade Revolucionária entra nesse espaço do meio, despertando o senso que existe em cada um de nós, para que possamos olhar de maneira mais ativa e consciente para tudo aquilo que bloqueia a continuidade de nossa caminhada, nos levando a compreender os recursos que podem nos amparar para transpormos as limitações. Ao desenvolver a H.R., o intuito foi – e é – compartilhar com as pessoas algo que impactou positivamente minha vida.

A criação dos pilares da Habilidade Revolucionária vem de mergulhos pessoais em diversas esferas, como a neurolinguística, a neurociência, a inteligência emocional, a inteligência racional e principalmente as

filosofias vitalista e existencialista. A filosofia foi fundamental no processo de construção dos pilares; ela nutre a habilidade de gerenciamento dos pensamentos, ampliando a criatividade e o leque de informações que temos para lidar com as situações do dia a dia. Uma vez que você experimenta o universo filosófico, ele não mais o abandona. É entristecedor perceber que ao longo dos anos a filosofia vem sendo excluída de muitos ambientes escolares, tirando a oportunidade dos jovens potencializarem seu *logos*, que para os gregos era entendido como o pensamento que abrange a racionalidade, as emoções e a linguagem, harmonizando e equilibrando o todo. Com a fundamentação trazida por esses conhecimentos, passei a entender e organizar o que eu utilizava nos aspectos da vida, e os pilares foram essenciais para que eu entrasse nos meus porões internos, varresse as poeiras e me revolucionasse profundamente. A partir daí, percebi que, quando, em algumas situações, não pratiquei os pilares da H.R., deixei de atingir muitos objetivos. Entretanto, quando procurei entendê-los profundamente, fui me alinhando a eles e de fato os exerci, alavanquei mudanças vitais. Dessa forma, divido, com você leitor, muitas de minhas fraquezas e de meus monstros interiores, para os quais eu ainda perco várias vezes – sabendo que com tais perdas o prejuízo geralmente vem, mas sempre é possível retomar o caminho. A maioria das poeiras foi se formando ao longo de meus passos, e por isso luto diariamente

para eliminá-las, usando as ferramentas da Habilidade Revolucionária e alcançando êxito na grande maioria das situações. Possivelmente descrevi os sete pilares como os mais importantes em minhas transformações porque foram neles que eu mais tropecei na minha caminhada. Ainda hoje tenho quedas bruscas e desafios fortes, ocasionados até mesmo por não conseguir praticar algumas ferramentas desses pilares. Portanto, este livro não possui pontes para que você esteja sempre no topo da escada, mas traz recursos para que você esteja atento e sempre em busca do crescimento, conseguindo subir novamente após os tombos.

Por meio de minhas revoluções internas consegui resgatar relações que estavam extremamente inflamadas, adquirir transformações até mesmo fisicamente, com novos hábitos alimentares e atividades esportivas. Fiz uma viagem intensa na busca do conhecimento e do autoconhecimento, me tornei um leitor assíduo e, por fim, palestrante e escritor. Posso comprovar como é assustadoramente impactante o resultado dessas revoluções em nossa vida. A nascente de todas as mudanças está em você. Mas esteja atento: ninguém que pensa de modo totalmente individualista alcança altos degraus. Praticando a H.R., a consciência sistêmica e a conduta altruística naturalmente se tornarão mais presentes em suas atitudes e serão primordiais para novas revoluções.

Todos nós já possuímos os recursos da Inteligência Revolucionária. O que este livro faz é mostrar de forma

organizada e direta os meios de tomarmos consciência dela e acessarmos e praticarmos seus recursos. Com a ampliação da consciência dessas ferramentas, elas podem nos auxiliar a atingir objetivos ou proporcionar que nos desfaçamos de maus hábitos. Mas, ao longo do livro, você descobrirá que é fundamental treinar esses recursos no dia a dia.

Hoje, nossa sociedade parece estar algemada por arquivos da memória, que nos limitam a repetir condutas engessadas. Temos medo de mudar, e quando decidimos pela mudança não concluímos o caminho. Muitas pessoas estão como barcos que funcionam somente no automático – o registro do histórico da nossa memória nos conduz a essa situação. Na minha estrada de mudanças, percebi que, na infância, a idade da curiosidade, não somos treinados para começar e dar seguimento às ações. Nessa fase, trocamos rapidamente de desejos e queremos experimentar tudo, sem concluir nada. Pense em quantas vezes você, ou seu filho, tentou começar a praticar natação ou futebol – e logo as braçadas e as corridas se tornaram pesadas e monótonas. Acontece também quando nossos filhos ganham brinquedos novos – o movimento de largar um por outro sem ao menos curtir intensamente o primeiro é também automático e a desistência foi assim enxergada como o melhor caminho. Esse é um exemplo de como se criou um círculo vicioso de começar e parar diversas atividades, ou descartar várias opções. Se os pais não

entenderem que esse momento é crucial para proporcionar aos filhos a criação de uma mentalidade com base na continuidade do que se começou, ou seja, a formação da atitude de chegada, isso irá se refletir lá na frente, nos links da memória. Pais que se revolucionam estimulam os filhos a promoverem transformações positivas em seus links.

Nós sempre influenciamos de alguma forma quem está à nossa volta. O ser humano é um gerador natural de energias e de inspiração. Os avanços da ciência e os estudos do eletromagnetismo no cérebro indicam o poder da influência do pensamento. Porém, poucas vezes nos perguntamos como exercemos essa influência. Proponho a você um exercício de reflexão: se a vida se despedisse de você hoje, qual marca você teria deixado na existência das pessoas? Qual teria sido sua influência no convívio com elas? Como você impactou este mundo? Como você marcou os ambientes que frequentava? Você tem consciência de que o tempo todo você é parte de um sistema, e que suas ações interferem, direta ou indiretamente, em outras pessoas? Pois bem: ninguém, absolutamente ninguém, por mais que queira, está neste mundo por conta do próprio umbigo. Quando você entende que em tempo integral é um influenciador, começa a adquirir naturalmente a consciência sistêmica.

Se a conclusão é de que até este momento você não tem sido, de modo consciente, um agente transformador positivo para os que te cercam, está na hora

de começar sua busca para fazer sentido para essas pessoas, construindo um legado que possa realmente ser honroso e que faça a diferença neste mundo. Você só consegue isso se autorrevolucionando constantemente e assumindo o volante da sua vida.

Aproveite agora para provocá-lo com uma questão:

Você é piloto ou copiloto em suas jornadas? Espero que a Habilidade Revolucionária tire-o da poltrona do conforto e faça-o resgatar a capacidade de escrever e conduzir a própria história.

Leo Chaves



Planeta

Nota do editor:

O que disse o pensador?

Esta seção vai aparecer algumas vezes ao longo do livro e traz frases, versos e comentários de diversos pensadores que inspiraram a construção dos sete pilares da Habilidade Revolucionária.

Você pode aprofundar seus conhecimentos buscando bibliografia a respeito dos autores, ampliando assim seu desenvolvimento pessoal.

INTRODUÇÃO 29

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.